

DEBATE

Só uma revolução pedagógica poderá salvar a
ciência econômica de sua crise moral

Pedro C. CHADAREVIAN¹

Dimitris Milonakis tem se destacado, ao lado de Ben Fine, em apontar as falhas na metodologia econômica dominante, contribuindo para um debate que congrega um número cada vez maior de autores. De certa maneira ele antecipou, ao lado de outros expoentes como os americanos Mirowski e Krugman, por ele citados – mas igualmente os franceses Bernard Guerrien e André Orléans, os brasileiros Luís Carlos Bresser-Pereira e Leda Paulani, entre outros –, a decadência do instrumental ortodoxo (conservador) na ciência econômica e alertou para os riscos de uma política econômica orientada pela crença dogmática, e em muitos sentidos pseudo-científica, no livre-mercado. Neste seu último artigo – o primeiro publicado no Brasil – somos brindados com uma boa síntese do debate crítico ao *mainstream* por parte dos principais autores envolvidos na tarefa de desvendar a inconsistência de sua metodologia e os absurdos de sua ideologia. Evidentemente, como o próprio Milonakis mostra ser consciente, o *mainstream* não dá a menor bola para este

tipo de evidência científica que traz elementos indiscutivelmente suficientes para provocar senão uma reviravolta, pelo menos uma cisão na maneira como se faz, se pensa e se reproduz a Economia em nossas sociedades. Por que isso não acontece?

A resposta está no mesmo texto do economista grego: a relação promíscua e corrupta dos economistas liberais com as grandes corporações, que permitiu construir um discurso que legitima políticas de desregulamentação dos mercados de bens, trabalho e financeiro. A razão seria uma suposta maior eficiência do *mercado* em auto-regular-se, demonstrada por meio de sofisticados teoremas cuja dificuldade de compreensão se torna uma arma contra críticos de fora da redoma acadêmica. Sim, “mercado” entre aspas, pois quem acaba se favorecendo destas práticas, obtusamente justificadas pela teoria econômica dominante, são clara e inegavelmente os capitais monopolistas, grandes empresários e, cada vez mais, o segmento rentista da burguesia.

31

1. Doutor em Economia – Universidade de Paris 3, Sorbonne Nouvelle. Professor de Economia – UFSCar, Campus Sorocaba. E.mail: <pedro.chadarevian@gmail.com>.

À primeira vista poderia-se supor que, levando em conta os planos de austeridade que vêm sendo aplicados nos diferentes países afetados pela crise ao longo dos últimos meses, a mobilização de economistas políticos que descreve o autor foi em vão. Afinal de contas, os neoclássicos ignoram todo tipo de crítica, protegidos em uma fortaleza cuja defesa conta com soldados espalhados nos mais diversos organismos de opinião pública, com destaque para a imprensa econômica dos grandes meios de comunicação. Mesmo as críticas que brotam do interior de sua própria corrente de pensamento parecem não surtir qualquer efeito, como bem lembra Milonakis. A propósito, Arrow, reputadíssimo autor neoclássico citado pelo economista grego, envolveu-se em uma ríspida controvérsia com Gary S. Becker, uma das maiores celebridades da escola de Chicago, sobre a sua teoria da discriminação. De nada adiantou: a crítica foi simplesmente ignorada, e os manuais de economia ainda ensinam (quando ensinam...) discriminação no mercado de trabalho a partir da ótica reducionista de Becker. Basta uma pesquisa rápida no *Google* para constatar que, em número de citações, a contribuição de Arrow para a teoria neoclássica da discriminação praticamente caiu no esquecimento.

Entretanto, a legitimidade do predomínio neoclássico está, sem qualquer sombra de dúvida, ameaçada como nunca antes. Pela primeira vez as extravagâncias e equívocos esdrúxulos dos economistas

conservadores transbordam do meio acadêmico, tornando-se – graças à internet, ao cinema e setores progressistas da imprensa – pública e notória a sua incompetência na gestão da economia global, bem como a sua responsabilidade pela crise que agora atravessamos. A famosa capa da liberal *The Economist*, com o manual de Macroeconomia derretendo, se tornou um símbolo da quebra de confiança com a sociedade. Nas universidades, os alunos vêm sendo protagonistas de diversos episódios de resistência a um ensino de Economia pouco representativo das diferentes concepções de mundo que orientam a rica contribuição teórica deste campo. De qualquer maneira, para além do resgate deste verdadeiro levante anti-*mainstream* por um conjunto cada vez mais amplo de heterodoxos, o autor toca em um ponto essencial para a superação da crise na ciência econômica: a conglomeração do pensamento crítico em associações nacionais, regionais e globais. Se é fato que a hegemonia neoclássica está balançando, assegurem-se que seu império não cairá em ruínas sem que uma alternativa concreta e viável venha à tona.

No entanto, uma alternativa que considero central para a desconstrução da predominância do conservadorismo na ciência econômica deixou de ser devidamente explorada neste texto do autor grego. Trata-se da crítica à maneira como se ensina Economia nas universidades. Muitos dos autores heterodoxos críticos do *mainstream*

listados por Milonakis são, eles mesmos, reprodutores, em seus cursos de graduação, do discurso mainstream, presente especialmente nos manuais de introdução à Economia e microeconomia. A disponibilização, como propõe o autor, de manuais alternativos por si só não parece ser suficiente. Eles já existem, mas ficam abandonados nas estantes das bibliotecas e consultados por solitários resistentes (como eu!) que procuram desafiar o *status quo* e montar um curso heterodoxo de introdução à Economia. A verdade é que na vasta maioria dos cursos de graduação em Economia, o currículo e a grade de ensino praticamente obrigam o professor a introduzir noções básicas de economia neoclássica, para não colocar em risco o *aprendizado* de um aluno que terá ao longo de sua trajetória acadêmica disciplinas altamente sofisticadas (de orientação neoclássica) e cujos pré-requisitos devem ser apresentados no início de sua formação.

A luta para a superação da atual crise moral que arranha a reputação da ciência econômica deve se transformar também em uma luta pela reforma no ensino de Economia. Os alunos precisam conhecer as disciplinas pelo o que elas realmente são. A microeconomia não é uníssona; há a microeconomia neoclássica, do *homo economicus* e dos pressupostos básicos, e há a microeconomia heterodoxa, que fundamenta o comportamento do consumidor e da empresa sobre premissas holísticas e historicamente construídas. A macroeconomia neoclássica, da busca

pelos microfundamentos, deve ser tratada como tal, deixando igual espaço nos cursos introdutórios para a macroeconomia clássica, dos macrofundadores, se me permitem o trocadilho. Destacando-se, inclusive, a contribuição, deixada de lado no texto de Milonakis, da economia marxista, cujos ensinamentos sobre os mecanismos de reprodução do capitalismo e suas crises influenciaram diretamente a evolução do pensamento econômico heterodoxo ao longo do século XX. Ainda que Keynes e Schumpeter negassem a filiação teórica com o marxismo, ela se revela em diversos momentos de sua obra, especialmente em seu tratamento sobre as variáveis macroeconômicas. Esta perda de contato com o debate teórico empobreceu a formação do economista, tornando-o menos um cientista, capaz de compreender fenômenos, e mais um técnico com habilidade para operar modelos cujos pressupostos ele não tem a menor noção da origem histórica e das consequências políticas e sociais.

Introduzir ao aluno de graduação as primeiras noções de economia por meio dos manuais ortodoxos, sucessos de venda de uma indústria editorial poderosíssima, é dogmatizá-lo de modo vil na crença da ideologia do livre-mercado. Alguns exemplos de como este tipo de literatura corrompe a formação intelectual do economista: 1) O mascaramento do debate sobre o risco de aquecimento global – Mankiw chega, em seu manual, a desculpar-se com os simpatizantes da

causa ecológica ao apresentar o mercado (no caso, de carbono) como a melhor alternativa para equacionar o problema ambiental, como sempre sem apresentar nenhum estudo para demonstrar sua tese, e ignorando, criminosamente, estudos do painel de mudanças climáticas de especialistas patrocinados pela ONU que apontam, em um dos cenários possíveis, sérias ameaças para a sobrevivência da humanidade logo mais em 2100...; 2) A acusação, novamente sem fundamentos, dos sindicatos pelos males na economia. Desemprego, discriminação, inflação e atraso tecnológico? Culpa dos trabalhadores que se organizam em sindicatos. Segundo os manuais conservadores a pauta dos sindicatos discrimina contra a entrada de novos empregados, mantendo artificialmente elevados os salários, resultando em aceleração de preços e desemprego, além de resistir contra mudanças tecnológicas potencialmente poupadoras de mão-de-obra. A comprovação empírica destas hipóteses? Perguntem para Samuelson, Mankiw e cia. Na realidade, uma série de estudos mostram o oposto; em especial, que a ação sindical ajuda a derrubar as desigualdades, trazendo portanto um efeito benéfico para o bem-estar econômico geral. 3) O ataque indiscriminado contra o papel do Estado na economia. Novamente, surpreende a absoluta falta de embasamento teórico para afirmar aberrações do tipo: “[...] todo imposto gera uma perda, ou 'peso morto', para a economia”. Com base no quê??, deveriam se perguntar os professores,

antes de automática e mecanicamente reproduzir este tipo de ensinamento não-científico e inútil para a construção de uma sociedade mais justa.

E é justamente este o ponto que se faz necessário tocar no momento em que as críticas contra o ensino domatizado de Economia parecem atingir o seu ápice, graças ao protagonismo assumido pelos alunos em várias partes do planeta, incluindo o protesto para lá de simbólico em Harvard contra, ninguém mais ninguém menos que... Greg Mankiw, professor catedrático de Introdução à Economia. Como dizia, os cursos introdutórios de Economia, ao embasar a sua estratégia pedagógica nos manuais ortodoxos *best-seller* do mercado, prestam visivelmente um desserviço à sociedade. Assim, não podemos mais aceitar que o primeiro contato do estudante de Economia com a sua matéria, em um momento crucial de sua formação intelectual, na qual boa parte dos alunos está ainda imatura política e intelectualmente, e, portanto, mais propensa a subscrever à postura ideológica de seus professores, seja marcado por uma tentativa descarada de empurrar dogmas cuja contribuição social está em cheque neste exato momento. Milonakis, uma autoridade no assunto, tem se dedicado ultimamente a apontar as falhas metodológicas do corpo teórico dominante, que, ao influenciar a política econômica em nove entre dez bancos centrais do planeta, joga o mundo na pior crise que o capitalismo conheceu em

décadas. Parece não pairar mais dúvidas sobre a responsabilidade em relação aos prejuízos trilionários causados pela conduta anti-ética de economistas do mainstream. Porém, somos nós que pagamos a conta, por meio de políticas de austeridade que cortam benefícios sociais e aumentam impostos da classe média para garantir a saúde do sistema financeiro. Os mesmos objetivos

perseguidos desde as primeiras aulas de introdução à economia, quando os manuais incansavelmente atacam qualquer tipo de interferência no livre funcionamento dos mercados. Um ciclo vicioso que, para ser interrompido, necessita ser cortado em sua raiz, na estratégia pedagógica opressora do *mainstream*.